

**SEMPRE  
TEREMOS  
O VERÃO**



**SEMPRE  
TEREMOS  
O VERÃO**

*Jenny  
Han*

TRADUÇÃO DE ANA RODRIGUES



Copyright © 2011 by Jenny Han  
Publicado mediante acordo com Folio Literary Management, LLC  
e Agência Riff

TÍTULO ORIGINAL  
We'll Always Have Summer

EDIÇÃO  
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

PREPARAÇÃO  
Giu Alonso

REVISÃO  
Rayssa Galvão  
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO  
Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
H197s

Han, Jenny  
Sempre teremos o verão / Jenny Han ; tradução Ana Rodrigues. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.  
256 p. ; 21 cm.

Tradução de: We'll always have summer  
ISBN 978-85-510-0448-7

1. Ficção americana. I. Rodrigues, Ana. II. Título.

18-53469

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

[2019]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para minhas duas Emilys:  
Emily Van Beek, a minha embaixadora de quan;  
Emily Thomas Meehan — vamos ficar juntas para sempre!  
Da sua garota, com amor*



QUANDO EU ERA PEQUENA, PASSAVA AS NOITES DE QUARTA-FEIRA assistindo a musicais antigos com minha mãe. Era uma coisa só nossa. Às vezes, meu pai ou Steven assistiam um pouco também, mas quase sempre éramos minha mãe e eu no sofá, com uma manta no colo e uma tigela de pipoca salgada e doce.

Vimos *The Music Man*, *Amor, sublime amor*, *Agora seremos felizes* — eu gostava desses, e adorava *Cantando na chuva*, mas nada se comparava ao meu amor por *Bye Bye Birdie*. De todos os musicais, *Bye Bye Birdie* era o meu favorito. Assistia sem parar, quantas vezes minha mãe aguentasse.

Como Kim MacAfee, eu queria usar rímel, batom e sapatos de salto alto, e ter aquela aura de “mulher adulta feliz”. Queria ouvir os garotos assobiarem e saber que era para mim. Queria crescer e ser exatamente como Kim, porque ela com certeza conseguiu reunir tudo isso.

Depois, quando chegava a hora de dormir, eu cantava: “Amamos você, Conrad, ah, amamos, sim. Amamos você, Conrad, e vamos ficar juntos no fim” diante do espelho do banheiro, com a boca cheia de pasta de dentes. Eu cantava com toda a paixão dos meus oito, nove, dez anos, mas não para o Conrad Birdie do filme, e sim para o *meu* Conrad. Conrad Beck Fisher, o garoto dos meus sonhos pré-adolescentes.

Só havia amado dois garotos — os dois com sobrenome Fisher. Conrad foi o primeiro, e eu o amei como só é possível amar um primeiro amor. É aquele tipo de amor que não tem limites e não quer ter — é estonteante, bobo e intenso. O tipo de amor que só acontece uma vez.

Então veio Jeremiah. Quando eu olhava para ele, via passado, presente e futuro. Ele não conheceu só a garota que eu havia sido; Jeremiah conhecia a garota que eu era naquele momento e me amava mesmo assim.

Meus dois grandes amores. Acho que eu sempre soube que um dia seria Belly Fisher. Só não sabia que seria desse jeito.



# 1

QUANDO VOCÊ ESTÁ NO FIM DA SEMANA DE PROVAS E ESTUDANDO HÁ cinco horas direto, três coisas são necessárias para sobreviver à noite: a maior raspadinha que conseguir encontrar, metade sabor cereja, metade Coca-Cola. Uma calça de pijama lavada tantas vezes que já está puída. E, por último, pausas para dançar — muitas pausas para dançar. Quando seus olhos começam a se fechar e tudo que você quer é sua cama, pausas para dançar dão forças para seguir em frente.

Eram quatro da manhã, e em algumas horas eu faria minha última prova do primeiro ano na Finch University. Estava acampada na biblioteca do alojamento com minha nova melhor amiga, Anika Johnson, e minha antiga melhor amiga, Taylor Jewel. As férias de verão estavam tão próximas que eu quase conseguia sentir o gostinho. Só faltavam cinco dias. Eu vinha fazendo a contagem regressiva desde abril.

— Me faça uma pergunta — ordenou Taylor, rouca.

Abri meu caderno em uma página aleatória.

— Defina *anima* e *animus*.

Taylor mordiscou o lábio inferior.

— Me dá uma dica.

— Humm... pense em latim.

— Não sei latim! Vai cair latim na prova?

— Não, eu só estava tentando dar uma dica. Em latim, os nomes de garoto terminam em *us*, e os de garota, em *a*; e *anima* é o arquétipo feminino, enquanto *animus* é o arquétipo masculino. Sacou?

Ela soltou um enorme suspiro.

— Não. Vou ser reprovada com certeza.

Anika ergueu os olhos do caderno, dizendo:

— Se você parar de bater papo no celular e começar a estudar, talvez isso não aconteça.

Taylor a encarou, irritada.

— Estou ajudando uma amiga da irmandade a planejar o café da manhã de fim de ano letivo, então preciso ficar de plantão hoje à noite.

— De plantão? — Anika pareceu achar divertido. — Tipo uma médica?

— Isso, exatamente como uma médica.

— E aí, vai ter panquecas ou waffles? — provocou Anika.

— Croissants, se quer mesmo saber — retrucou Taylor.

Nós três estávamos cursando a mesma matéria de psicologia — eu e Taylor faríamos a prova no dia seguinte, e Anika, um dia depois. Além de Taylor, Anika era minha amiga mais próxima na faculdade. E como Taylor era bem competitiva, sentia muitos ciúmes da nossa amizade — o que ela jamais admitiria.

Minha relação com Anika era diferente da que eu tinha com Taylor. Anika era tranquila e fácil de lidar, não saía logo criticando. Mais que isso, na verdade. Ela *me* dava espaço para ser eu mesma. Não sabia de toda a minha vida, por isso não tinha expectativas ou ideias preconcebidas a meu respeito, o que fazia com que eu me sentisse muito livre. Nunca tive uma amiga como ela. Anika era de Nova York; o pai tocava jazz e a mãe era escritora.

Algumas horas mais tarde, o sol começou a nascer, iluminando a biblioteca com uma luz azulada. Taylor descansava a cabeça na mesa, e Anika encarava o nada, feito um zumbi.

Amassei duas bolinhas de papel e joguei nas minhas amigas.

— Pausa pra dançar — anunciei, apertando o play no meu notebook e fazendo uma dancinha na cadeira.

Anika me encarou, emburrada.

— Por que você está tão animada?

— Porque em poucas horas tudo já vai ter acabado — respondi, batendo palmas.

Minha prova era só a uma da tarde, por isso meu plano era voltar para o quarto e dormir por algumas horas, então acordar ainda a tempo de estudar mais um pouco.

Dormi além do que deveria, mas mesmo assim consegui estudar por mais uma hora. Não tive tempo de tomar café no refeitório, então peguei uma Cherry Coke da máquina de refrigerantes.

A prova foi tão difícil quanto esperávamos, mas eu tinha certeza de que conseguiria tirar pelo menos um B. Taylor acreditava que não se daria tão mal, ainda bem. Nós duas estávamos cansadas demais para comemorar, por isso só nos cumprimentamos com um *high-five*, e cada uma seguiu seu caminho.

Voltei para o quarto, pronta para apagar pelo menos até a hora do jantar, mas, quando abri a porta, lá estava Jeremiah, dormindo na minha cama. Ele parecia um garotinho quando dormia, mesmo com a barba por fazer. Estava esparramado em cima do edredom, os pés pendurados para fora da cama, abraçando meu urso-polar de pelúcia.

Tirei os sapatos e me acomodei ao lado dele na cama de solteiro. Jeremiah se espreguiçou, abriu os olhos e me cumprimentou:

— Oi.

— Oi.

— Como foi a prova?

— Bem.

— Que bom. — Ele soltou Junior Mint, o urso, e me puxou para um abraço. — Trouxe metade do meu sanduíche pra você almoçar.

— Você é um amor — respondi, aconchegando a cabeça no ombro dele.

Jeremiah beijou meu cocuruto.

— Não posso deixar minha namorada ficar sem comer.

— Só perdi o café da manhã — retruquei, acrescentando em seguida: — E o almoço.

— Quer o sanduíche? Está na minha mochila.

Pensei um pouco. Percebi que estava com fome, mas também com sono.

— Talvez mais tarde — falei, e fechei os olhos.

Ele voltou a dormir, e eu também caí no sono. Quando acordei, já estava escuro, Junior Mint tinha caído no chão, e os braços de Jeremiah estavam ao meu redor. Ele ainda dormia.

Começamos a namorar no início do meu último ano do ensino médio. Bem, “namorar” não parecia a palavra certa para descrever nosso relacionamento; simplesmente estávamos juntos. Tudo aconteceu tão depressa e foi tão fácil que parecia que sempre havia sido daquela maneira. Em um minuto éramos amigos, no outro, estávamos nos beijando, então, quando me dei conta, estava me matriculando na mesma faculdade que ele. Disse a mim mesma e a todo mundo (inclusive a Jeremiah, e principalmente a minha mãe) que era uma boa universidade, que ficava a poucas horas de casa e que fazia sentido eu estudar ali, e que também estava mantendo minhas opções em aberto. Tudo isso era um fato. Mas a grande verdade era que eu só queria ficar perto dele. Queria estar com Jere em todas as estações, não apenas no verão.

Então estávamos ali, deitados um ao lado do outro na cama do meu quarto no alojamento da universidade. Ele estava no segundo ano, e eu estava terminando o primeiro. Era muito louco como havíamos chegado longe. Nós nos conhecíamos desde sempre e, se de certo modo parecia uma grande surpresa estarmos juntos, por outro lado parecia inevitável.